

ESTUDO DAS TÉCNICAS DE FABRICAÇÃO DOS ARTEFATOS LÍTICOS DAS OCORRÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DO MUNICÍPIO DE URUÇUÍ, PIAUÍ

Láyse Monnyse Araújo Oliveira (Bolsista ICV/UFPI), Jacionira Coêlho Silva (Orientadora: CCN-NAP-PPGAARQ-UFPI)

INTRODUÇÃO

As Ocorrências Arqueológicas do Município de Uruçuí-PI, estudadas nesta proposta foram a Ocorrência do Bonfim a 18 Km, aproximadamente, da Ocorrência D. Maria, situada na sede municipal. No espaço entre ambas localizam-se as Ocorrências de Deusirene, Vão da Bica, do Jenipapo e da Macaxeira. Apenas a última apresenta um fragmento de bordo cerâmico. As demais são caracterizadas pela presença de material lítico. O material estudado encontra-se sob a guarda do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica, da PRPPG-UFPI. O estudo dessas ocorrências serviu para o aprofundamento de uma pesquisa de campo realizada na região citada, com a finalidade de identificar as populações pré-históricas locais, com base no gesto técnico (LEROI-GOURHAN, 1985). O gesto técnico gera a cadeia operatória que indica particularidades assim como a matéria prima, convergindo em formas, informações que propiciaram dados seguros para o entendimento de um perfil identitário mínimo de grupos, com possibilidade de uma analogia com sítios da região.

As ocorrências a que se refere o título “são locais que apresentam raros materiais pré-históricos, sem uma origem precisa, o que impede que sejam identificados como *sítios arqueológicos*” (SILVA, 2006).

MATERIAL E MÉTODODO

Neste trabalho o material de pedra é analisado com base no pressuposto de que as técnicas e tecnologias são estratégias de adaptação dos recursos naturais à satisfação das necessidades de grupos humanos e que a manutenção ou mudanças das técnicas de confecção dos artefatos, o grau de complexidade e diversificação significam uma resposta cultural das populações ao meio no suprimento de suas necessidades. Então, os artefatos são partes do campo material que identificam não só as mudanças, mas transferências, que revelam a dinâmica exercida por esses grupos.

As atividades desenvolvidas inicialmente foram de curadoria, compreendendo fichamento dos artefatos identificados como instrumentos. Paralelamente, uma revisão bibliográfica foi realizada para atualização das informações sobre o tipo de material em estudo, indo além da simples descrição tipológica. O que se buscou foi identificar a matéria prima dos suportes rochosos dos materiais culturais das Ocorrências mencionadas e as formas básicas que marcam as fases da cadeia operatória, bem como os indicadores de marcas de uso e elaboração de artefatos expeditos e aprimorados (BOËDA, 2005). O reforço da fundamentação de identificação das fases operatórias dos objetos, incluindo-se o descarte, que aparentemente

é o caso das ocorrências, lugares de abandono dos artefatos de pedra, foi possível através de revisão bibliográfica.

Nessa revisão, um trabalho considerado foi o de T. O. Miller, *Onde estão as lascas?*, publicado na Revista Clio, n. 24, vol. 2 (digital), 2009, editada pela UFPE, que trata igualmente do aspecto do abandono dos artefatos que os arqueólogos encontram em suas pesquisas de campo, ou seja, encontram-se artefatos completos, mas as sobras de sua confecção não são localizadas. As lascas da interrogação são as lascas residuais inaproveitadas, que são importantes marcadores das técnicas utilizadas.

Por último, foi revisado o Relatório final de ICV (2009-2010) de Raimundo de Andrade Neto, sobre os sítios da região, intitulado *Estudo de grupos humanos pré-históricos no vale do médio Parnaíba*. Nesse estudo o autor se refere a objetos do sítio Morro da Cruz, de bom acabamento (acurado), em geral de dimensão média fabricados em silexito, preferencialmente. E faz referência a tipos encontrados em outro sítio da região, no lado maranhense, o sítio Sibéria, sem um acabamento aprimorado (expedito). Esses conceitos *acurado* e *expedito*, integram a terminologia arqueológica como indicadores, em geral, o primeiro de uma feição “tradicional” de se fabricar instrumentos líticos, abandonada nos últimos 5 mil anos, e o segundo, esse novo modo de trabalhar a pedra, sem uma observável preocupação com a “estética” que havia em época mais remota.

Enfim esse material foi analisado, observando-se as características dos objetos quanto às técnicas e tecnologias, as fases de confecção e os procedimentos do trabalho na pedra, para a construção das UTFs de Boëda (2005), que estabelecem agrupamentos distintos intra e inter-conjuntos/ocorrências e, posteriormente, sítios. A presença de um fragmento cerâmico, como exceção entre os líticos, acrescentou uma informação do uso desse artefato, sendo inferido como objeto de transferência/troca, o que aponta para um grupo que interagiu com outro que tinha esse domínio técnico.

Essa informação leva ao problema aqui tratado: objeto descartável/inexistência de controle técnico, peça acurada/troca? Os artefatos expeditos, rústicos apresentam planos de corte e planos de ponta (BOËDA, 2005; FOGAÇA, 2006), o que indica uma preocupação com o máximo de aproveitamento da matéria básica, menor custo (tempo/energia gastos) e maior utilidade do artefato (multifuncional), com reposição fácil (SILVA, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Ocorrência do Bonfim teve seus artefatos fabricados, sobretudo em silexito que medem entre 3,0 e 4,0 cm. A Ocorrência D. Maria, a 250 m aproximadamente do sítio Morro da Cruz, apresenta material em silexito e outros materiais com características de brecha vulcânica, com dimensões entre 6,0 e 2,0 cm. Os artefatos líticos da Ocorrência da Macaxeira em sílex e quartzito possuem comprimentos entre 6,5 e 5,5 cm. Os instrumentos líticos da Ocorrência da Deusirene apresentam dimensões entre 8,5 e 3, 5 cm, em silexito. Os objetos líticos do Jenipapo medem entre 12,0 e 6,0 cm, sendo a maioria em silexito.

Neste estudo foi levantada a hipótese de que os artefatos líticos da ocorrência do Bonfim poderiam estar relacionados aos de D. Maria, ambos se diferenciando do material encontrado no Sítio Morro da Cruz, pelas dimensões e qualidade do suporte rochoso utilizado. Os da Ocorrência da Macaxeira, da Deusirene e do Jenipapo, estariam aproximados pela dimensão, em sílexito de brecha vulcânica, tecnicamente próximos aos materiais do Sítio Sibéria.

Seria esta uma tentativa inicial de correlacionar os traços culturais de nível técnico observados na área de estudo, tendo em vista que os materiais das ocorrências são tomados como peças de coleção, ou seja, sem um contexto ambiental e estratigráfico preciso, e devido a isso, exige uma metodologia adequada a esses objetos ditos descontextualizados.

Como multifuncionalismo nos artefatos destacam-se as técnicas de obtenção de entalhes para ressalte de uma ponta, de diferentes espessuras e tamanhos, com planos de corte retos ou curvos, estes denominados entalhes. Como resquício de técnicas acuradas, duas possíveis extremidades de “lesma” foram encontradas na Ocorrência do Bonfim e na Ocorrência D. Maria.

CONCLUSÃO

A cadeia operatória pôde ser identificada, desde a localização da fonte de matéria-prima, facilmente encontrada no suporte geológico da região, a Formação Pedra de Fogo com seus nódulos de calcário contendo sílex no interior, a maioria de má qualidade devido ao aquecimento nas *brechas vulcânicas*. A presença de um único fragmento cerâmico (ainda em análise de laboratório) pelo exame de USB ProScope apresentou características particularizantes: uso da pasta como instrumento de decoração, com a adição de grãos de ocre: ao se alisar a superfície do vasilhame, produzem-se ranhuras coloridas. Nos líticos, os detalhes técnicos indicam dois níveis de afeição da pedra: um rápido, sem muita preocupação com a estética, mas simplesmente a utilidade; outro, ainda significativo na busca da excelência da fabricação, com rebuscamento na execução das peças.

A diversidade técnica dessas ocupações expressa na distribuição espacial, tem uma explicação mais complexa do que se percebia inicialmente. Só uma análise por procedimentos no campo da física poderá confirmar vínculos entre os diferentes conjuntos líticos estudados. Entretanto, as formas resultantes do gesto técnico indicam singularidades da matéria prima e da confecção, que ao final das análises no momento atual oferecem dados seguros para identidade de pelo menos dois grupos que se percebe existirem na região.

Palavras-chave: Material lítico. Gesto técnico. Cadeia operatória.

APOIO

ICV- PRPPG-UFPI; Núcleo de Antropologia Pré-Histórica-NAP/PRPPG-UFPI; Grupo de Estudo da Cultura Material na Pré-História/Projeto “Leitura da Cultura Material procedente de Sítios do Médio Vale do Parnaíba sob a guarda do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica, da PRPPG-UFPI”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOËDA, E. "Paléo-technologie ou Anthropologie des Techniques?" *Arobase*. Vol 1, p. 46-64, 2005. Nanterre: Université Paris X, Dep. d'Éthnologie et de Préhistoire.

FOGAÇA, E. "Um objeto lítico. Além da forma, a estrutura". *Canindé*, n. 7. Xingó, SE: MAX, Chesf, Petrobras, 2006, p. 11-35.

BARRET, John C. "Agency, the Duality of Structure, and the Problem of the Archaeological Record". In: HODDER, Ian (ed). *Archaeological Theory Today*. 8ª ed. Cambridge, Polity Press, cap. 6, 2009, p 140-163.

MAGALHÃES, Sonia Maria Campelo LAGE, Maria Conceição S; SILVA, Jacionira Coelho. *Monitoramento e salvamento arqueológico em área de construção da ponte ligando Uruçui-PI a Benedito Leite-MA*. Relatório. Teresina: IDesert/NAP-UFPI, jun, 2008.

MILLER, T. O. "Onde estão as lascas?". *Clio Arqueológica*, nº 24, v. 2, p. 6-65. Recife: UFPE, 2009.

OLIVEIRA, Cláudia A. Abordagens teóricas dos grupos pré-históricos ceramistas no Nordeste. *CANINDÉ – Revista do Museu Arqueológico de Xingó*. Aracaju: MAX- UFS, n. 1, p. 9-87, 2001.

SILVA, F. A. "As tecnologias e seus significados". *Canindé*. Xingó (SE): MAX-UFS, n. 2, p. 120-138, 2002.

SILVA, J. Coelho. "Oficinas líticas em Zona de Cocal no Maranhão, Brasil". *Clio Arqueológica*, v. 2, nº21. Recife: UFPE, p 155-180, 2006 (ISSN 01 02 – 6003).